

2. PAISAGENS VIVENCIADAS E APRENDIZAGEM EM PROCESSOS COLABORATIVOS

CONCEITOS E MÉTODOS NO ESTUDO DE PAISAGENS, fase 2 (versão 041109 em fase contínua de formulação e discussão)

início: 2009

Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

Grupo de Pesquisa

"Paisagem, Cultura, Sociedade: Processos Colaborativos"
APRENDER EM AÇÃO COM OS OUTROS

A fase atual indica um amadurecimento e continuidade, a partir de um novo foco, da pesquisa realizada entre 2003 e 2009, ("Conceitos e Métodos no Estudo de Paisagens – Potencialidades e gestão / Experiências Partilhadas"). O objetivo na fase anterior foi estabelecer uma base conceitual e metodológica para estudos com um enfoque cultural das paisagens¹, resolvendo questões de conhecimento e método que valorizam a imersão e vivência do pesquisador como imprescindível ao seu estudo, na apreensão crítica das percepções, valorações, modos próprios de construir e significar paisagens em grupos submetidos a processos de exclusão ou preconceito, em áreas de interesse socioambiental, em temáticas que permitissem discutir a significação da paisagem em sua dimensão de realização humana e social, incluindo a poética e a afetividade como indispensável à construção do conhecimento em ação. Um projeto de conhecimento-ação exigia um amadurecimento dessas intenções, no confronto com campos acadêmicos de saberes e procedimentos de pesquisa. Uma vez explorado um quadro considerado consistente o suficiente para essas aproximações, torna-se viável avançar sobre novas frentes que ampliam o alcance social da pesquisa. Na fase entre 2003 e 2009 foram realizados também alguns estudos no sentido mais tradicional de análise da gestão, enquanto ação institucional e de política pública, e com referenciais de planejamento ambiental, entendendo-se que poderiam contribuir para não perder de vista as técnicas contemporâneas tradicionais pelas quais se pensa poder planejar o espaço humano, mas que de certa forma, diante dos estudos realizados nos demais trabalhos, é posta diante de uma necessidade crítica. Um conjunto de atividades desenvolvidas em grupos de trabalho, em ações independentes e na reflexão sobre os resultados já alcançados nas pesquisas realizadas, permitiram identificar pontos-chave para avançar em direção a ações transformadoras, especialmente as de natureza colaborativas, como forma de construção do conhecimento. Essa formulação era o horizonte esperado para os conceitos adotados nas pesquisas na fase anterior. Por outro lado, enquanto atuantes no ensino público de ponta, como é a Universidade de São Paulo, enormes defasagens e responsabilidades sociais ficam evidentes e cobram, ou possibilitam, definir a temática da Educação como prioridade para essa nova fase. Possibilita-se assim tanto refletir sobre a

1 SANDEVILLE JUNIOR, Euler ; Hijioka, Akemi . **Flores da cerejeira e da paineira (paisagens)**. Paisagem e Ambiente, v. 24, p. 201-207, 2007; SANDEVILLE JUNIOR, Euler . **Manifesto Espiral versão 2.5**. São Paulo, Cidade Sem Nome (<http://www.cidadesemnome.org.br>) n. 6, 2008.; SANDEVILLE JUNIOR, Euler . **Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana**. Paisagens em Debate, FAU.USP, v. 2, p. 1, 2004 a; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Paisagem**. Paisagem e Ambiente, São Paulo, v. 20, p. 47-60, 2005.

prática institucional, especialmente no âmbito em que nos inserimos, quanto sobre um enorme repositório de teorias, experimentações e procedimentos, sobretudo aqueles derivados das vertentes de educação libertária, estudo do meio, arte-educação e educação ambiental. Estes, certamente, não são passíveis de serem abarcados em um todo, e exigem processos críticos distintos na compreensão de sua gênese e desdobramentos, mas podem dar uma contribuição enorme para repensar as práticas acadêmicas e suas contradições, o alcance social e suas consequências, bem como sua potência. Permite assim refletir sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo a partir de dissertações e teses, e verificando posturas no conhecimento das paisagens em trabalhos acadêmicos na área Paisagem e Ambiente, dentro da preocupação com a construção de um quadro sobre Conceitos e Métodos que ultrapasse a utilidade desta pesquisa. Embora as preocupações de natureza mais "doméstica" como essa sejam muito relevantes, devemos considerar que comparativamente são poucos os estudos nesse sentido de pensar o ensino de Arquitetura. Incluiremos outras contribuições, que permitam pensar também a relação entre ensino e espaço, como fizemos em algumas oportunidades anteriores, no estudo do trabalho liderado por Hélio Duarte nos anos 50 sob influência de Anísio Teixeira², ou sobre a relação entre espaço educacional e teorias educacionais, como intentamos em uma oficina realizada nos anos 90. Porém, o ânimo fundamental da pesquisa nessa nova fase será **pensar a cidade como um espaço de educação partilhada e experimental**, como já temos feito em diversas proposições isoladas ao longo dos últimos anos³. Mas é necessário ir além.

Pensar a educação ultrapassando as fronteiras institucionais, pensá-la em processo aberto, ativo e livre, nos coloca diante de referenciais que resignificam em uma única perspectiva o tripé ensino-pesquisa-extensão, abandonando o conceito de transmissão de conhecimento produzido, para **constituir-se como construção colaborativa de conhecimentos**. Isso já foi tentado em diversos modos e momentos nas fases anteriores de docência (inclusive anteriores ao vínculo com a Universidade de São Paulo), bem como na fase anterior desta pesquisa, mas sem o alcance que poderia ter se inserida em um projeto nessa direção, o que agora se intenta.

Essa busca, felizmente, não é nova: somos devedores de um imenso conjunto de proposições. Foram tentadas diversas experiências em momentos históricos distintos, que remontam aos projetos libertários anarquistas da Escola Moderna, dos movimentos em prol de educação popular aos projetos recentes, de proposições menos arrojadas politicamente, mas de largas

2 SANDEVILLE JR, E. A Arquitetura dos Teatros Distritais da Prefeitura. São Paulo. Museu do Teatro Municipal, 1986

3 SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Disciplina e Conhecimento** In: Seminário Ensino Arquitetura e Urbanismo ed.São Paulo : FAUUSP, 2007 a; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Fundamentos** In: Seminário Ensino Arquitetura e Urbanismo ed.São Paulo : FAUUSP, 2007 b; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **O Que Fazer Com A Universidade e o Ensino de Paisagismo Agora?** In: Anais do VI ENEPEA, UFPE, 2003, Recife; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Paisagem e Meio Ambiente. Colaboração Universidade - Poder Público: frente e verso** In: Anais do Seminário Natureza e Prioridades de Pesquisa em Arquitetura, 1990, São Paulo; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Participação e universidade. Universidade e participação** In: Seminário Nacional Paisagem e Participação: Práticas no Espaço Livre Público, 2007 c, São Paulo; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Violência, ensino e poder em 2004**. Revista Espiral - Ambiente.arq.br. São Paulo, 2004 b.

consequências como foi a Escola Nova, ou atravessa diferentes teorias sobre aprendizagem, cujo quadro estamos organizando em um caráter bastante preliminar neste momento. Essas visões da educação são também visões privilegiadas do mundo, e do(s) homem(s), articulando-se com outras faces da cultura. Em vários desses momentos foi colocado em questão o estudo do meio e formas horizontais de conhecimento e organização, buscando processos de autonomia criativa, questões que nos interessam mais diretamente. Várias dessas experimentações, e outras, influenciaram mais de perto preocupações dos arquitetos: como entender proposições como a de Halprin, ou entre nós de Lina e dos espaços da FAU, desvinculados de um conjunto de expectativas que atravessam o pensamento político com elementos contra-culturais? No entanto, os avanços realizados aqui e ali retornam a campos marginais no âmbito do ensino, geram ressurgências, enfim, processos que necessitam ser compreendidos e submetidos a uma discussão mais sistemática.

A reconstituição de um quadro mais elaborado poderá motivar um direcionamento de muito maior alcance e efetividade no processo educacional no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo. Ultrapassar o campo disciplinar ao estabelecer interfaces com a transformação do espaço habitado contemporâneo, contribuindo para a construção de conhecimentos para além do âmbito técnico profissional, é o objetivo experimental maior dessa fase do trabalho.

O estudo teórico da educação e seu rebatimento na formação de arquitetos já será uma importante contribuição, mas esperamos construí-la aprendendo junto com outros, modificando aquele olhar que de antemão já sabe as soluções dos problemas de qualificação ambiental para uma perspectiva de aprendizagem partilhada. Como argumentava Willian Morris, "*Nem podemos confiar nossos interesses a uma elite de homens preparados, pedindo a eles que investiguem, descubram e criem o ambiente destinado a nos hospedar, para depois nos admirarmos perante a obra pronta, apreendendo-a como coisa acabada*"⁴.

Tal condição é sem dúvida complexa e mais trabalhosa, na medida em que para uma contribuição teórica temos o controle total da situação, bastando delimitar adequadamente as fontes em relação a um quadro referencial. O que já seria, repetimos, uma contribuição relevante. Mas, se esperamos vincular tal conhecimento a um conhecimento construído em ação, maior do que as dificuldades de delimitação de uma produção de conhecimento quase infinita no campo da Educação, nos deparamos com a oportunidade e a impotência diante de situações concretas, com a compreensão ou incompreensão que muitas vezes pouco têm a ver com o plano teórico, e sim com projetos ideológicos, dos grupos, dos interesses pessoais, das políticas desenhadas em interesses menores, dos incrustamentos institucionais como jogos de poder, de ambição, embora, por outro lado, sejam também parte dos instrumentos para alavancar mudanças significativas ao serem aqueles que podem concentrar, captar e distribuir recursos. Mas devemos procurar também formas independentes e alternativas, dar voz a outros processos, inventá-los se possível.

Para avançar o pensamento em ação sobre nossa inserção sociocultural, que

4 Willian Morris, 1881, citado por MAGNOLI, Miranda Martinelli. Memorial de Titulação. São Paulo: FAU-USP, 1987

pode ser criativa, temáticas como educação, enquanto uma dimensão do habitar a paisagem, são necessidades emergenciais, mas também indutores de capacidade de transformação socioambiental. Nesse sentido, podem estar animados por princípios ou parâmetros de ação com horizonte experimental. Em função de quase três décadas dedicadas ao ensino e arte, pareceu-me urgente avançar a temática do ensino e da cultura em novas fronteiras, tangenciando a educação pelo ambiente quando possível, à vista da inserção privilegiada e de ponta que representa a Universidade de São Paulo.

O que se espera é produzir um conhecimento que permita apontar agora a pesquisa para ações mais concretas em colaboração com comunidades ou grupos específicos, sem diluir ou reduzir a dimensão do rigor na construção do conhecimento. É dada prioridade para a constituição de formas inovadoras e dinâmicas de organização e gestão, a partir de ações coletivas e independentes, apropriação e circulação livre de conhecimentos técnicos e produção de conhecimentos populares efetivos na transformação do ambiente e na interface com instâncias sociais formais. Pelo menos, este é o horizonte colocado para a pesquisa, que certamente se defrontará com limites concretos de ação, tanto institucionais, quanto dos arranjos políticos, não só institucionais, mas de transformação do espaço urbano. Esse jogo de possibilidades e impossibilidades, longe de inviabilizar ou ser apenas um tensionamento, é exatamente a brecha criativa buscada na produção de conhecimento ativo, crítico, em processo, isto é, é necessário estabelecer um horizonte de busca, e vê-lo confrontado em seu percurso tentativo de realização como parte do processo de conhecimento.

Entendemos que tal proposição somente pode ser pensada em um campo experimental aberto, e de uma duração indeterminada, não imediata, na qual se constrói em percurso o percurso. Daí o cuidado em elaborar ao longo de 2009 uma série de aproximações e experimentações que favoreçam pensar, ao menos em tese, a possibilidade de uma tal construção. Este é o processo que está em curso na formalização deste texto. Daí também porque se propõe uma fase inicial de ações que permitam avaliar a exequibilidade dessa proposição. O foco das atividades pretende recair fortemente sobre os processos colaborativos e coletivos, buscando tanto o aprofundamento dos aspectos conceituais e metodológicos já desenvolvidos a partir de casos específicos na fase anterior, quanto uma articulação mais consequente das pesquisas com a contribuição em horizontes de transformação, que favoreçam o reconhecimento e diálogo com saberes que se mobilizam nas lutas cotidianas. Em uma frase: **espera-se aprender em ação com outros parceiros.**

Espera-se contribuir na construção de processos auto-gestionados e independentes na transformação do ambiente, sobretudo a partir da ação no âmbito cultural e do aprendizado (educação) livre, propondo a educação como parte do habitar a paisagem.

Por outro lado, uma contribuição específica do ambiente acadêmico como se apresenta poderá ser encontrada na exploração de um campo referencial sobre o ensino, que permita sua articulação com a paisagem, possibilitando tanto pensar o ensino de arquitetura, quanto contribuir em processos de formação de profissionais da área e de pesquisadores. Não deve assustar o fato de que o campo da arquitetura terá muito a contribuir, junto a outros campos disciplinares, tanto com a diluição dessas fronteiras. Por outro lado, não se

deve subestimar que se trata de caminho de mão dupla, o conhecimento do espaço, de seus processos e dinâmicas de estruturação, transformação e significação, não tem apenas a contribuir com o campo da educação, e da autonomia dos moradores como atores sociais da construção do espaço, mas retorna como indagação e contribuição para a própria formação do arquiteto e do alargamento de seus horizontes de práticas.

Propõe-se como objetivos na relação pesquisador-pesquisa-grupo de pesquisa:

- 1.aprender em ação com outros parceiros,
- 2.estabelecer uma investigação crítica das próprias percepções e valores na interação com outras paisagens e sensibilidades, na construção conjunta com outras pessoas e grupos,
- 3.estabelecer processos experimentais de vivência, sensibilização e crítica individuais e coletivos, a partir dos canais possibilitados pela universidade e por formas de associação autônomas em relação a ela, a partir de programas de conhecimento-ensino-aprendizagem em ação,
- 4.desenvolver pesquisas vinculadas a esta proposição, fundadas em uma base ética e em uma preocupação social ativa, que problematizem e contribuam para o avanço do quadro referencial e metodológico do grupo de pesquisa a partir do enfrentamento de problemáticas específicas (estudos de caso e proposições experimentais de ação coletiva),
- 5.contribuir na organização e aprofundamento de grupos de estudo de movimentos culturais e seus processos criativos, referenciais teóricos sobre educação livre, processos coletivos, produção social do espaço e cognição (percepção) da paisagem.

Propõe-se como objetivos na relação universidade-sociedade:

- 1.confrontar o ambiente acadêmico com formas de valoração e organização externas a esse ambiente, esperando gerar uma tensão crítica que contribua para discutir o papel da Universidade, do conhecimento narrativo (prosaico) próprio do discurso acadêmico e de processos criativos decorrentes da sensibilidade (poética),
- 2.estabelecer com parceiros externos à universidade processos de autogestão, mutualismo, ensino livre, diagnóstico e proposição socioambiental, promovendo organizações autônomas e independentes de capacitação e ações transformadoras do ambiente,
- 3.desenvolver métodos e programas de trabalho de educação e memória popular fundados no ideal do ensino e conhecimento livre, independente e ativo e capacitação para formação de novos pesquisadores e docentes ampliando o acesso ao conhecimento e suas estruturas integrados em programas de ação efetiva

Propõe-se como objetivos na relação comunidade-espaço urbano:

- 1.experienciar e pensar processos criativos e cognitivos na vida cotidiana e na memória da experiência vivenciada como fundamentais a uma ação transformadora do ambiente,
- 2.PENSAR sobre os processos criativos, motivacionais em diversas formas e processos que almejam vias alternativas e autônomas de gestão coletiva,

produção solidária, e convivência,

3. contribuir pela experimentação direta e coletiva de formas colaborativas de gestão e aprendizado para a discussão de um ensino universitário experimental e ancorado na capacidade de produção de conhecimento solidário e livre,

4. favorecer a promoção de autonomia na interpretação do ambiente e identificação de seus problemas e na capacidade de propor e construir soluções estratégicas e de monitoramento das condições básicas de habitabilidade (incluindo conhecimentos ambientais e de produção e uso alternativo de recursos), saúde e educação em projetos integrados.

Considera-se como possibilidade em que se inserem essas buscas as “políticas da vida”, do corpo, da alegria e da celebração, da sociabilidade, da sensibilidade, das representações, da afeição e do amor⁵, das lutas coletivas por uma cultura pacifista e restaurativa, pela liberdade de pensamento, pela solidariedade, pela superação das injustiças e pelo diálogo autônomo (propositivo, livre) e criativo em relação com os atuais sistemas objetivação, subordinação, certificação e controle do conhecimento e do comportamento⁶. Para tanto, temos como uma hipótese que estabelecer processos experimentais, reconhecendo *trajetividades* dessas e outras condições, fundando-se em princípios e valores conscientemente partilhados, é que se poderá estabelecer conjuntamente a potência da ação coletiva e criativa e uma renovação experimental da prática acadêmica e dos horizontes da instituição pública. O mesmo objeto-objetivo poderia se constituir apenas como campo teórico, mas a expectativa é que o campo teórico se constitua como experimental e vivencial. Entende-se a vivência e a teoria como parte de um processo experimental de investigação que permite pensar, de forma não definitiva e aberta.

Condição que só é possível de realizar-se em trabalho, na autocrítica do próprio processo acadêmico como necessária à crítica social, na postura experimental e atenta à indeterminação que desafia os pressupostos, estabelecendo aí brechas de criação, interações conscientes de alteridades e identificações na adoção de princípios e valores partilhados de maneira explícita e em ação, constituindo o ânimo de processos colaborativos e solidários de trabalho. Espera-se que as relações entre arte e experiência venham a ser fundamentais a essa proposição perante o outro e o ambiente, sobretudo a partir de projetos de educação e formação autônomos. Pode-se assim ter como hipótese na atual fase de nossas práticas de pesquisa que é viável mobilizar um campo abrangente da experiência humana nos termos expostos, mas que só pode ser operativo e construído, ser bem sucedido ou não, no âmbito das relações interpessoais. Busca-se então os sentidos e os limites de uma educação livre, aberta, partilhada, horizontal, ética, que se dê na vivência do espaço humano, na ação criativa e intensa da paisagem e na crítica ativa do espaço em suas esferas públicas e privadas imbricadas (que se

5 MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução Edgar de Assis carvalho, 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005; GORZ, André. Carta a D. História de um amor. Tradução Celso Azzam Jr., Pósfacio Josué Pereira da Silva. São Paulo: Annablume: Cosac Naify, 2008

6 SANDEVILLE JUNIOR, Euler . *Manifesto Espiral versão 2.5*. São Paulo, Cidade Sem Nome (<http://www.cidadesemnome.org.br>) n. 6, 2008.

dão como relações de poder, mas também potência de autonomia e realização), como base para a transformação em situações de desigualdade, sem com isso negar outras ações políticas necessárias à superação dessa condição, e sem idealizar os parceiros ou as próprias condições que carregamos para o trabalho, sabedores que se atua em um campo contraditório. Em consequência, a proposição de ensino como simulação da realidade precisa ser questionada como preparação para reprodução de parâmetros e linguagens, e ser confrontada com alternativas a partir da experimentação e da interferência na realidade a que se refere. Há aqui um longo campo a percorrer, onde a noção de eficiência e sucesso (centrada na avaliação do produto) cede à de criação em processo, âmbito no qual o resultado, qualquer que seja, torna-se sempre aprendizado. Os acontecimentos, e não sua previsibilidade, oferecem a matéria-prima para construção de significados, e da linguagem.